

O Processo de Beatificação de Pai Américo

NAS últimas semanas foram mais frequentes que o costume as perguntas de «como vai o Processo de Pai Américo».

Eu tenho de confessar que, se calhar, não vai mais adiantado por minha culpa, pela demora em aviar os recados que Monsenhor Arnaldo me manda de Roma, os quais me obrigam a pesquisas para que não tenho jeito, além do dia-a-dia sempre cheio, o que também não favorece as diligências. Ainda assim, desde o nosso último encontro, nas férias de Verão, tenho progredido um pedacito e creio que, neste momento, estou em dia.

Monsenhor Arnaldo tem sido incansável. Ele é o Postulador e tem sido o obreiro directo da maioria dos trabalhos que o Processo implica até chegar àquela síntese definitiva que se chama *Positio*. Ele disse-me da sua esperança em atingir esta meta ainda este ano. Depois tem de imprimir-se este documento final que a Congregação para a Canonização dos Santos receberá como o seu instrumento de trabalho para a tomada da decisão.

Eis-nos perante a primeira operação dispendiosa do Processo. Até agora ele tem decorrido, quase sempre, sob o signo da gratuidade. Que Deus compense a amizade e o entusiasmo de quantos no Processo têm estado envolvidos, desde a fase diocesana até à actual, em Roma. E que tal



notícia sossegue os que puseram reticências sobre se não seria o Processo uma infidelidade à virtude da Pobreza que é eminente em Pai Américo e que ele nos legou como fundamento da nossa «riqueza», isto é a perene suficiência para as realizações que Deus nos comete. ELE nos é testemunha de que nunca demos um passo ou exercemos qualquer pres-

são para acelerar o Processo. Há-de ir na velocidade que a Providência lhe imprimir.

Por isso que Monsenhor Arnaldo tão bem compreende a nossa postura, ele mesmo nos falou da possibilidade (ainda que mais difícil de executar!) da impressão do *Positio* ser feita na nossa tipografia. Com que gosto faremos tudo ao nosso alcance para que assim seja, não só pela economia que tal representa, como por ser feito pelas mãos dos seus Rapazes, nas oficinas que tanto carinho tiveram de Pai Américo, este documento fundamental para o seu Processo de Beatificação! Tal tornará mais demorada a entrega da *Positio* e, conseqüentemente, a Declaração da Igreja sobre o Seu Servo. Mas não atrasa em nada a glorificação que Deus já lhe prestou — assim o cremos e crê a generalidade do Povo que o conhece. Se Monsenhor cá vier no Natal, talvez nos traga, já, notícias mais concretas sobre este ponto.

Continua na página 4

SETÚBAL

Caminhamos com o nosso Bispo

A presença do Bispo da Diocese, onde estamos inseridos, em nossa Casa é, para nós, um acontecimento importante. Para além do contacto humano, da troca de experiências e vivências é, antes de tudo, uma ocasião de regresso às fontes do nosso viver.

Poucos minutos antes de iniciarmos a nossa Celebração do Dia do Senhor, a chegada do nosso Bispo veio dar-nos a oportunidade, de modo imprevisto, de fazermos esse regresso às origens da nossa vida pessoal de consagração e da nossa vida comunitária, nascida também no seio da Igreja.

Esta família, como porção deste povo, nasce da necessidade de congregar os pequeninos que andavam dispersos; de os juntar ao povo que Deus tem como Seu. Quanta alegria já vislumbramos, no dia em que todos nos reuniremos à volta da mesa do Pai do Céu! Uma alegria que nin-

guém nos pode tirar, na presença dos que já partiram e dos que ainda caminham conosco para o Encontro.

Caminharmos com o nosso Bispo, é a certeza de não nos enganarmos no caminho e nos mantermos na unidade construída pela graça do Espírito.

«Vós sois a maior família da Diocese», costuma e gosta de dizer o senhor Bispo. As verdades contidas nesta afirmação trazem, à superfície da nossa consciência, a obrigação da fidelidade. Fiéis a Deus, à Igreja e à sociedade, são os maiores imperativos para o nosso viver. Três ângulos de onde podemos ver a nossa vida constituída na unidade de um mesmo serviço.

Este serviço que tem de ser um todo, em Igreja. Ela que não nos falta em nada, a não ser num ponto que nos deixa alguma tristeza: é que é raro o caso de rapazes sem família que nos chegam através dos seus membros.

Continua na página 3



CALVÁRIO

As alminhas

DEBAIXO de frondosas tílias encontram-se, discretas, umas alminhas em granito.

A *ti* Adelaide costumava deslocar-se ali, todas as manhãs antes do café, erguer as mãos e rezar. Vinha lembrar os seus e os que já partiram desta Casa e aguardam em purificação a entrada no Reino. Nada a distraía naqueles momentos. Fechava os olhos, serenamente, e permanecia imóvel.

O costume de orar pelos mortos, sempre presente na Igreja, antecipa a doutrina,

ainda hoje tímida, do Purgatório.

Os simples têm a intuição apurada da verdade que a Igreja não pode contrariar, mas deve fazer luz sobre ela. A *ti* Adelaide sabia o que fazia e porque o fazia. Lembrar os mortos é tomar consciência de que eles são mais felizes do que nós apesar do purgatório e sobretudo pelo purgatório.

Para entrar na comunhão da Vida de Deus é preciso que o nosso amor seja completamente puro, como é o de Deus. Nada pode existir no homem que seja egoísmo. Mas é isso que nós somos. Ora, o egoísmo é o oposto do amor. E Deus é Amor. Para entrar na participação da vida de Deus, tal como Ele é em si mesmo, é preciso que os resíduos do egoísmo sejam completamente eliminados. Não apenas os explícitos, que se traduzem na evidência do mal que praticamos, mas também os que se encontram no recôndito mais profundo do nosso ser e nele tantas raízes lançam ao longo da nossa vida.

TRIBUNA DE COIMBRA

Campanha de assinaturas

COMO esperávamos, a campanha de assinaturas do nosso Jornal está a decorrer da melhor forma. Recebidos, em primeiro lugar pelos Párocos de forma calorosa, esta recepção tem-se alargado às Comunidades cristãs de forma jubilosa. Observamos como o Padre Américo é para muitos dos que nos escutam «o Pai Américo» com toda a força testemunhal de amor cristão que este título representa. O primeiro momento do nosso encontro é à volta do Altar, como não podia deixar de ser. A escuta da Palavra de Deus constitui o mote das outras que explanamos e meditamos. O testemunho de Pai Américo vai no rasto e nós seguimos com ele. Depois, a continuidade e actualidade deste nos nossos dias através do quinzenário, o jornal O GAIATO. O Padre Américo foi um ouvinte atento da Palavra de Deus e um seu praticante decidido.

Continua na página 3

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

POBRES — A vida dos Pobres é cheia de dificuldades. Nós procuramos aliviar a maior parte das vezes as dificuldades de quem sofre, sabe Deus quanto e como, todos aqueles que estão mais perto de nós.

Lembramos um antigo trabalhador da C.P., por exemplo, com vida de grandes sacrifícios que a gente procura aliviar, sabe Deus quanto e como. Ele gasta muitos euros na compra de fraldas. Não digo ele, mas a mulher que sofre enormes dificuldades d'ordem material.

PARTILHA — Pequeno donativo duma leitora do Lar do Comércio, comemorando o seu casamento. É a assinante 60240.

Para alívio dos nossos Pobres, 470 euros por alma de pessoas amigas, de Leça do Balio. Assinante 72188, «Com muita satisfação e presença de novos assinantes».

Cinquenta euros da assinante 71920, de Mem Martins, que afirma: «Dando continuidade à Obra que Padre Américo gerou e continua entre vós, com certeza. Do Céu, tendes a certeza da poderosa intercessão do valente Pai dos Pobres que há-de fazer que ele sempre se torne aquilo que é: imortal.»

Presença da assinante 27805, de Sabrosa; 470 euros, da assinante 31104. Contribuição para o mês em curso — com a amizade de sempre — da amiga assinante 14493, do Porto. Vinte e cinco euros de um velho africano.

Vinte e cinco euros da assinante 24157, de Cova da Piedade. Duas ofertas muito ricas da assinante da Rua da Fonte, 140, de Areia — Vila do Conde — 50 euros.

Oferta da assinante 30092, de Ílhavo, com muita amizade.

Cheque de 100 euros para a nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, e grata «pelas palavras que tiveram a gentileza de me enviar. Todos sabemos que o bem da sociedade para o qual vós contribuis, também é o vosso bem.»

Cinquenta euros da assinante 33952, de Alcochete. Dez, «uma migalha para os Pobres», da Figueira da Foz.

Cinquenta euros da assinante 25881, de Vendas de Azeitão.

Em nome dos Pobres, agradecemos as vossas ofertas.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

VACARIA — Está mais limpa, devido à dedicação e trabalho dos rapazes e à preciosa ajuda de uma senhora com mais experiência.

MAGUSTO — Realizámos o nosso magusto, houve esforço da parte dos rapazes para que tudo corresse bem. Além de tudo o mais os rapazes divertiram-se, comeram muitas castanhas e foi uma tarde bem passada.

SILÓ — Antes da colheita do milho para ensilar, o silo sofreu obras que facilitam o transporte do alimento para as nossas vacas.

CONCERTO — A nossa Casa foi convidada a assistir a um concerto de orquestra, realizado em Rio de Moinhos. Todos nós gostámos de saber o que é a música dita «séria».

Filipe «Almeirim» e Ilídio

DESPORTO — Graças a Deus. Não há fome que não traga fartura. Quase não havia chuteiras para a prática do futebol. Agora, com a oferta de algumas dezenas de pares da Casa Girabola, em Paços de



Para amenizar o frio que começa, sabe bem esta imagem estival.

Ferreira, todos os atletas do Grupo Desportivo estão calçados e ainda sobram alguns pares para quando for necessário. O nosso muito obrigado.

Uma das coisas que está a fazer imensa falta, são os equipamentos de guarda-redes. Se alguém quiser ter a amabilidade e seguir o exemplo destes nossos amigos, seria ótimo!

Pela primeira vez, esta época, os Iniciados jogaram fora de Casa, deslocando-se a Vila Pouca de Aguiar. Quando lá chegámos, tínhamos alguns responsáveis e bastante assistência à nossa espera. Foi um jogo agradável. Chegámos ao intervalo a ganhar por 0-1, sem estarmos a jogar bem. No entanto, no balneário, conversámos, e conversámos um pouco duro. Os rapazes não ficaram indiferentes ao que ouviram, e na segunda parte, com um futebol diferente e com muito mais garra, fixaram o resultado em 2-5. O «Doutor», voltou a dar nas vistas, e a ser o elo mais forte. No final do encontro, os homens da casa ofereceram-nos uma merenda: Uma churrascada, feita naquela

altura, para nós e para os atletas de Vila Pouca. Um convívio entre jovens, onde a alegria e a boa disposição foi a tônica dominante. A equipa de arbitragem foi deles, mas executou um trabalho impecável.

Os Seniores receberam uma equipa de Baltar. «Os Amigos da Bola», a quem ganharam. Deste jogo, nada mais há a acrescentar, atendendo que o adversário pouca réplica ofereceu.

Completamente diferente foi o jogo que se realizou com o Futebol Clube do Porto, em 26 de Novembro. Jogo de «alta competição», pelo menos toda a gente que assistiu parece ter ficado com essa ideia. Um jogo bem disputado e aguerrido. Apesar de termos sofrido três golos, toda a equipa esteve coesa, transmitindo confiança uns aos outros. Em grande plano esteve o «Mancha», assim como o Nilton, que também não poupou esforços e só à sua conta marcou dois belos golos. Os restantes, estiveram a cargo do Daniel e do sempre irrequieto «Pião».

No final do encontro, o responsável do Futebol Clube do Porto, queixou-se da arbitragem... Que não esteve bem, também o reconhecemos, mas tanto para um lado como para o outro. É o que temos! Quem dá o que tem, a mais não é obrigado. Nós perguntámos por duas vezes, se tinham alguém que ocupasse aquele lugar. Foi-nos dito: «Isso não é o mais importante». Mas pelos vistos!... Mesmo assim, todo o equipamento azul e branco ficou para nós, o que agradecemos. Não só o equipamento, mas essencialmente a presença deles que é sempre motivo de grande satisfação, assim como a de qualquer outro clube.

Alberto («Resende»)

SETÚBAL

CONVÍVIO FRATERNO — O «Paisinho» e o João Miguel estiveram a participar num, com mais de trinta jovens, na nossa casa de férias da Arrábida. O Vítor foi convidado para a cozinha. Os rapazes gostam de fazer os convívios e vêm de lá muito felizes.

FUTEBOL — Os nossos jogadores continuam a treinar, aos Domingos, para prepararem o jogo com os nossos de Paço de Sousa. O Evélsio vai orientando os treinos até que chegue o dia do jogo. A malta tem-se esforçado muito pois querem ganhar os jogos.

CÃES — O Fernando arranjou dois cachorros, um casal, de raça lavrador. Ao cão, demos o nome de «Bolinhas»; à cadela, o de «Lassie». Os rapazes acham-nos muito bonitos e fazem-lhes muitas festas.

MAGUSTO — Foi na eira que o fizemos. Tivemos batatadoce, castanhas assadas, os couratos e muito sumo. Não

faltou também o chouriço assado e sardinhas. Ouvimos música e alguns aproveitaram para dançar. A festa durou até às oito horas da noite e esteve animada.

BISPO DE SETÚBAL — Tivemos a sua visita, num Domingo de manhã. Celebrou Missa com a gente e falou-nos da nossa vida. Depois, esteve no nosso pequeno-almoço e falou com os rapazes à mesa. A malta ficou contente com a sua vinda.

«Cowboy»

TOJAL

OBRAS — Ainda continua a construção do novo parque, o que está a avançar com êxito. Os «Batatinhas» desejosos para verem as novas instalações e as novas actividades.

NATAL — Já faltou mais! Neste momento estamos prestes a entrar na época natalícia, em que muitas vezes alguns corações se abrem para dar louvores ao Criador do Céu e da Terra.

POMAR — Os dióspiros e as maçãs já nos servem para as nossas sobremesas. As laranjas e as tangerinas já estão a amadurecer. Por vezes, alguns dos nossos rapazes andam à caça das que se encontram amareladas, o óbvio é haver cascas por tudo quanto é sítio. Arriscamos-nos a ficar sem merenda. o que é justo!

Num mundo de ódio

Um coração livre
Que canta
Uma mente que sofre
Porque enfrenta
Um povo que chora
Um combatente
Que na floresta perdeu
À procura da liberdade
Mas um irmão perdeu
Na grande sociedade
A vida é uma flor efêmera
A qual se perde num instante
Um povo que espera
Uma estrela cadente
Guiada por uma pomba branca.

À volta de uma fogueira
Pergunta a criança
— Onde está o papá?
Responde a mãe
— O papá está quase a chegar
Com um olhar de desespero
Mas uma voz deixou de cantar
À procura da fonte
De água pura
Lá ficou o combatente.

Um povo que espera
Viver, caçar homens
Para com o próprio irmão lutar
Angola, Angola onde estás agora
Com tanta tristeza?
Uma criança sem pai
Uma mulher sem marido
À volta de uma fogueira
[meia apagada.

Abílio Pequeno



Malanje — Espaço ajardinado e de desporto atrás da Capela.

Campanha de assinaturas

Continuação da página 1

Verificamos a admiração e amor que tanta gente nutre pela Obra da Rua e com que interesse seguem o seu dia-a-dia, nem sempre fácil. O jornal O GAIATO é, pois, a voz continuada de Pai Américo. Fizemos apelo à sua leitura, meditação e assinatura. Pedimos aos pais, professores e outros educadores que façam chegar esta mensagem aos mais novos.

Com a proximidade do Natal exortamos que, a par de outras prendas, os pais ofereçam aos seus filhos uma assinatura d'O GAIATO. Uma prenda

de alto valor educativo para a mensagem que esta quadra tanto nos evoca.

Pergunta inevitável que nos fazem é a de quanto custa... Apelamos com toda a força possível à sua leitura e meditação. Serão elas que irão ditar a partilha e o seu valor.

Os números são surpreendentes: De Castelo Branco trouxemos, no próprio dia, trezentos e cinquenta assinantes novos e da Covilhã mais de quatrocentos. Outras inscrições irão chegar pelo correio, estamos certos.

Resta-nos dar graças a Deus pela receptividade ao nosso apelo. É uma bela manifestação de que as comuni-

dades cristãs estão sensíveis à partilha entreabrindo uma porta à conversão dos corações e à evangelização das inteligências.

Iremos continuar esta campanha por outras cidades e vilas do Centro. A próxima será no Fundão.

Padre João

Setúbal

Continuação da página 1

Dá a impressão de que nos deixamos enredar na mentalidade estatizante que muitos semeiam e de que também colhem os frutos. Parece que é deixada ao Estado a missão da paternidade das crianças ao abandono, quando a maternidade da Igreja é capaz de lhes dar os diretos de cidadania e o bafo materno que só em comunhão de vida se pode comunicar.

Também aqui vamos acompanhando os nossos parceiros europeus. Mas se deixarmos de salgar a vida com o sal da Caridade, para que é que serviremos?!

Padre Júlio

Calvário

Continuação da página 1

Para que isso aconteça é necessária uma purificação. Ora, esta é sempre algo de doloroso, mas a dor é purificadora.

O purgatório é esse sofrimento, não imposto mas aceite, quando se dá conta da santidade de Deus, que nos ama e nos quer para Si, e do egoísmo em nós enraizado que nos torna incapazes de O alcançar.

Para todo aquele que sabe quem é Deus, deseja estar com Ele e ser como Ele, o purgatório é purificação necessária, mas ao mesmo tempo, alegria baseada na certeza da posse eminente de Deus.

O Purgatório pode começar aqui na terra e começa tantas vezes, mas completa-se no Além, de modo misterioso para quem vive ainda nas coordenadas do tempo e do espaço.

Rezar pelos mortos não é desejar que eles deixem de sofrer, mas que alegremente saibam porque se encontram em purificação.

A Ti Adelaide tinha a certeza da verdade. Por isso, todas as manhãs, junto às alminhas, entrava em comunhão com aqueles que já haviam partido e a esperavam. Santa velhinha!

Padre Baptista

Correspondência dos Leitores

Confiança

«Estou em falta convosco há já alguns anos, por isso venho, hoje, em parte, redimir o meu falhanço.

Delicio-me com O GAIATO todas as vezes que o recebo, e recebo-o regularmente, não pelo prazer do sofrimento alheio, mas pela entrega que noto em todos vós, e também porque vem ao encontro da minha maneira de ver e pensar. O mundo não compreende muito bem a confiança que podes em Deus. Mas sempre assim foi e sempre assim continuará a ser. A Sua Providência nunca falha.

Junto um cheque, não para pagar uma coisa que não tem preço, mas para vos compensar um pouco pelo envio do querido Jornal e também pela remessa do livro 'Calvário' segundo volume.

Estou a caminho dos 81 anos. Não será por muitos mais que continuarei a apreciar tanta beleza. Que o Senhor vos dê força para continuar. Peço para não acusarem a recepção.

Assinante 31380»

Sou catequista

«Ao ler O GAIATO não sei o que dizer para vos dar não só os parabéns como graças pelo 'bem que fazeis às nossas almas'. Poderia escrever todas as mensagens que vos enviam, pois em todas me revejo, de tal modo me emociona e faz bem a leitura do Jornal, que faço mal chega e todo de seguida, para ir lendo, de novo, aos poucos!

Para vos dar um exemplo: sou Catequista no grupo de preparação para o Crisma. Pois bem, em cada catequese a leitura d'O GAIATO é 'obrigatória'. Na última catequese lemos e meditámos a carta daquela senhora 'que não mandava mais... e pedia

desculpa'. Ficámos todas muito comovidas e a meditação foi verdadeiramente vivida.

Não sei se vou dizer algo que não devia, mas confio que haveis de compreender e saber onde e o que quero dizer: 'O Evangelho continua a escrever-se n'O GAIATO assim como as Epístolas e mesmo os Actos dos Apóstolos'. Peço desculpa, mas estou a escrever como se vos conhecesse muito bem e fosseis meus amigos. Quando se ama a Deus como Pai e a Jesus como Amigo não é difícil acreditar que sois meus amigos também. Perdoai, pois, estas minhas palavras e aceitai um muito obrigada, pela paciência e pelo tempo que vos tomei. Rezai por nós (marido, cinco filhos e onze netos) pois precisamos muito da ajuda do Senhor.

Assinante 29215»

Façam sempre assim!

«Recebi e agradeço, enternecidamente, a iniciativa que tomaram de enviar à confiança o segundo volume do livro 'Calvário'. Façam sempre assim. Enquanto eu existir, será sempre mais um favor, mais uma graça que, por vosso intermédio, recebo das Alturas, onde paira o santo Padre Américo, que bem conheci e tenho sempre presente, muito vivo!

Nenhuma literatura me aquece e conforta como a d'O GAIATO, sendo, todavia, ela a que mais me desperta, sacode e renova, de episódio a episódio, de surpresa em surpresa.

Assinante 3380»

Compensação

«Junto um cheque para compensar a despesa da Editorial com a publicação do livro 'Calvário'.

Não há dinheiro que pague o bem que nos faz a sua leitura. No entanto, podem aplicar

como entenderem o dinheiro que envio.

Com muita amizade e admiração pelo vosso trabalho com os mais excluídos, envio os melhores cumprimentos e peço ao Senhor Jesus que vos ajude e dê forças para continuarem.

Assinante 4728»

Bálsamo salutar

«O GAIATO lido com a devida atenção, é um bálsamo salutar que com os olhos postos em Deus Pai, toca a consciência de todos nós, Vicentinos. Alivia os nossos pensamentos e a grande ansiedade e transmite-nos que nunca devemos negar auxílio para amenizar os sofrimentos e vidas penosas dos Pobres, pois, com a protecção do Senhor, será um bocado de conforto, no meio da solidão em que muitos vivem, e mais ainda, o conteúdo de muitos dos seus artigos transcritos, são postos em prática na nossa vida quotidiana e tantas e tantas vezes, utilizamos como leitura espiritual, nas nossas reuniões.

Vicentinos de Monte Pedral — Porto»

Epopéia

«O livro 'Calvário' é uma epopeia ao amor ao próximo! Chorei! Talvez por me sentir tão minúscula. Também tenho a minha cruz, mas, às vezes, desejava sacudi-la.

Que o Senhor, na Sua infinita misericórdia não o deixe triste quando, velhinho, houver de passar o facho.

Assinante 17735»

DOCTRINA



Partiu-se o fiel da balança

OS jornais daquele dia anunciaram que o ministro das Obras Públicas visitara os bairros pobres da Capital, um ror deles, segundo a notícia; e que dissera assim: — A visita excedeu as expectativas mais pessimistas. Vou tratar, em colaboração com a Câmara Municipal, de enfrentar o problema no sentido prático, o mais urgentemente possível, em harmonia com o que impõe a realidade. Temos de unir as mãos para enfrentar o problema da habitação das classes pobres.

TOCOU-SE na ferida. A guerra está toda aqui. Quere-me parecer que, se os grandes das nações e cada um na sua, quiserem «unir as mãos para enfrentar o problema», teriam feito obra melhor do que a das conferências internacionais para a segunda Sociedade das Nações, sucessora da que morreu em Genebra a tantos de tal, sepultada em campa rasa, dentro dum grande palácio — Deus funde a soberba!

O nosso ministro quis ir ver e daí resultou uma pavorosa declaração: «A visita excedeu as expectativas mais pessimistas».

— Venha ver, meu senhor — roguei a um de uma vez, em Coimbra, a respeito do célebre bairro das tocas que ainda lá está.

— Oh, eu não posso ver essas coisas!

E não têm ido. Relatórios e panos quentes, tem sido o remédio preguiçoso para um mal que alastra a cada momento, em virtigem.

O problema devia ter sido posto por cada um de nós. A libertação da miséria dos nossos irmãos devia ter sido feita pelos próprios irmãos, amorosamente, voluntariamente, sem a força da lei nem o medo das caducias. Devia, mas não tem sido feita. O delírio das riquezas acarretou o delírio da miséria. O arranha-céus produziu o tugúrio. A caça ao dinheiro, por amor do dinheiro, tem feito a legião dos pedintes. Partiu-se o fiel da balança. Está tudo desorganizado.

Já estamos a sofrer. O engano dos cofres está aí; está cá em casa. Outro dia, em Lisboa, deitei-me sem ceia. O comboio chegou atrasado. Não havia onde, nem que comer. São as restrições, são as tabelas, são os protestos, são as leis; o comércio negro, as listas negras, a desconfiança, o medo — partiu-se o fiel da balança; está tudo desorganizado.

D. Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

Tive vergonha...

«Ao ler no 'Famoso' a carta daquela senhora que diz escrever mal porque só tem a terceira-classe e má letra, o meu coração disse-me: 'Aqui está a carta mais linda de todas!' E tive vergonha do meu orgulho.

Como sabe escrever bem esta senhora! Que linda letra tem!

O amor daquela carta é que é lindo! Muito mais lindo do que aquilo que eu queria dizer. Graças a Deus que nos manda destas pessoas que nos fazem sentir pequenas, quando queríamos ser grandes aos olhos dos homens e não d'Ele. Que Ele e vós me perdoem.

Junto pequena importância. Não para pagar o que não tem preço, mas para partilhar nas despesas.

O livro 'Calvário' lavou-me o coração com as lágrimas que chorei, assim eu consigo mantê-lo lavado...

Assinante 24019»

MOMENTOS

Proximidade do Céu

FUI, com a D. Adelaide e mais três pequenos, visitar a sepultura da mãe dela, na tarde de Todos os Santos, ao cemitério do Calvário, onde foram sepultados os seus restos mortais, há catorze anos.

Ela levava uma florzinha no braço e, naturalmente, muitas no coração!

Não sendo possível acercar-me das inúmeras campas de meus filhos, pais, familiares e amigos, nestes dias, naquela eu via todas, e o coração derramava-se abundantemente em preces e saudade por qualquer delas!

O cemitério do Calvário estava só.

Ninguém no recinto sagrado.

No caminho passámos frente a dois. As estradas apinhadas de automóveis estacionados, dificultavam enormemente a passagem. Multidões amontoavam-se lá dentro, carregadas de flores, lágrimas e luto, à volta dos jazigos.

Naquele, não. Tudo era silêncio.

O campo raso assinalava, por números e uma cruz igual fundida em cimento, a cova de cada corpo. Os doentes haviam ancinhado as pequenas ervas escavando levemente o terreno com os dentes do ancinho dando-lhe, deste modo, um aspecto aveludado verde.

Tive a sensação nítida de estar num cemi-

tério — a palavra que vem da língua grega quer dizer *dormitório*.

Um dormitório de santos! E um santo dormitório. Nada profanado.

Sempre me impressionou a exibição de vaidades na terra da verdade.

Quando, ali, todos os mortos são iguais, os vivos distinguem-nos com manifestações de arte, de poder, de honrarias e de dinheiro!...

Oh, mundo vão que nem a morte te faz abrir os olhos!

Como se fosses capaz de alterar a verdade da morte! Rezámos.

Envolvidos pela solidão — o local é deserto — sentíamos a frescura da fraternidade e a proximidade do Céu, onde todos são irmãos!

Sempre me encantei com uma sepultura vazia de sinais!

Deus será tudo para todos.

A pureza e a austeridade deste dormitório gritavam dentro de mim a eternidade.

Quem dera, que os cristãos gostassem de voltar a página da vida, definitivamente, com simplicidade, se ornamentassem de boas obras, sempre e só de boas obras, pregando, também assim ao mundo dos homens, o encanto e a fartura da Vida Eterna.

Padre Acílio

Processo de Beatificação de Pai Américo

Continuação da página 1

Outro ponto em que nos assumimos culpados de omissão é a publicação de graças atribuídas à intervenção do Servo de Deus. E tantas vezes o correio de cada dia nos traz notícias deste teor! Somos, na verdade, uma «desorganização organizada»! Que Pai Américo nos ajude, lá do Céu, a transferir peso do substantivo para o adjectivo!

Esta semana, o Padre Francisco Antunes, que tanto nos quer e a quem Pai Américo tanto quis, pôs nas nossas mãos um texto de oração com a humildade que lhe é peculiar: «Podeis fazer-lhe as alterações que entenderdes. Vós é que sois os herdeiros do espírito de Pai Américo». Como se ele também não fosse?!

Penso, pois, que vai ter lugar, em breve, a edição de pagelas com esta oração. Nela há lugar para cada um pedir a graça que entender. E nós pedimos a quem se julgar atendido pela intercessão de Pai Américo, que no-lo diga formalmente (não em texto misturado com outros assuntos) ajudando-nos, assim, a organizar um elenco de testemunhos pessoais que, por ser voz do Povo, sensibiliza a Igreja como Voz de Deus. Este sentido universal da santidade dos Servos de Deus, tem impacto na decisão que a Igreja virá a tomar, depois da análise objectiva de todos os documentos dos respectivos Processos. Julgo que este sentir é uma realidade a respeito de Pai Américo.

Padre Carlos

PENSAMENTO

O coração é o tesouro do homem. É mesmo por onde ele é homem. Inteligência, prestígio, fortuna, posição — somente valem se o coração estiver.

PAI AMÉRICO

ENCONTROS EM LISBOA

Crises sociais propícias a criar esmoleres

SEMPRE me preocuparam os pedintes, com histórias mais ou menos verdadeiras que são capazes de comover. Essa comoção da esmola fácil, não vai, a maior parte das vezes, diria mesmo quase nunca, ajudar quem pode, mas pode criar o hábito de mendigar, não se preocupando com a dignidade na procura de um trabalho onde possa contribuir com a sua inteligência para a construção do nosso mundo.

Os períodos de crises sociais e económicas são propícias a criar esmoleres, justificando com a crise um outro aviltamento da personalidade de quem pede: porque faltou o subsídio, porque ficaram desempregados, porque as reformas estão atrasadas, porque demora a processar o fundo de

desemprego, porque o patrão não tinha dinheiro para pagar... Justificações, verdadeiras ou falsas, existem aos montes. No meio de tantas solicitações é sempre difícil distinguir quem precisa mesmo de quem se arrima às facilidades da esmola.

Pelo número de solicitações à nossa porta parece que a crise entrou mesmo em cheio. Mas não é só à nossa porta; basta apanhar o metro e ver o que se passa em certas estações. Veja-se na entrada dos Hospitais e na entrada do Jardim Zoológico...

O nosso nome também é usado com mais frequência e em mais lugares do que é habitual. Neste momento, o nosso nome é usado em larga escala por um grupo de dez miúdos no cruzamento da Avenida do Brasil com a Rua das Murtas, em Lisboa. Não há carro que não seja interpelado e, se a esmola não é como o esperado, não se coíbe de maltratar o

renitente. Sei que já muitas pessoas avisaram a polícia, também já telefoni e enviei fax, mas pelos vistos tudo é ineficaz.

Estou em crer que faz parte da nossa mentalidade mendicante... Deveria ser posto cobro aos mendigos e à mendicância? Quem mais abalizado do que eu, responda. Que esta situação não educa ninguém isso estou mais do que convencido vendo os casos de miúdos pedintes que me chegam e o tempo necessário para os colocar a pensar de outra maneira.

Pai Américo tinha razão em não dar esmola na rua. É essa uma das razões que nos leva a nunca fazermos, nem autorizarmos a fazer, peditórios de rua. Alguém me dizia que era compensadora a esmola, outros dirão o mesmo da arrumação de carros... E onde vai parar a dignidade de ganharmos o nosso pão com o suor do nosso rosto?

Padre Manuel Cristóvão



Vista parcial da Casa do Gaiato de Benguela.

BENGUELA

A ponte voltou a cair

NO meu regresso a Casa, bem queria libertar-me do peso de mais de duas centenas de famílias a viver do que temos para lhes dar. Bem queria, sim. Era sinal de que a situação social estava a mudar para melhor. Contudo, ainda não chegou a hora.

Os caminhos para as aldeias do interior estão abertos. Porém, o regresso às terras de origem é demorado, por falta de condições mínimas nos locais que foram abandonados. Nos anos passados, fora do seu ambiente natural, os refugiados criaram hábitos novos, sobretudo os mais jovens. Por isso, o regresso vai ser difícil. As minas semeadas pelas terras durante a guerra, são outro obstáculo muito sério. Enquanto as populações não puderem trabalhar nas suas lavras, a fome, a nudez e a doença vão ceifando vidas inocentes. Esta é a realidade triste que está a ser combatida pelo esforço da comunidade nacional e internacional. Agora mesmo, ouvi a notícia da chegada de vinte e uma mil toneladas de milho ao porto do Lobito. Mais onze mil estão a caminho. São milhares e milhares de pessoas à espera nos acantonamentos onde foram recolhidas.

Nos dias passados em Portugal, fui testemunha da grande campanha nacional para a recolha de donativos a favor da população faminta de Angola. A única reserva que havia em alguns era a falta de confiança na chegada das ofertas ao seu verdadeiro destino. Perante a situação tão dramática em que vive o povo de Angola, quem pode resistir ao apelo aflitivo dos que sentem em sua carne o aguilhão da fome, da nudez e da doença? As crianças e as mães são, por certo, quem mais sofre. Os mais velhos quase não existem, que a morte os levou.

No seio da população acantonada há uma percentagem considerável de filhos que perderam os pais na guerra. Já começaram a bater-nos à porta para acolhermos alguns. Tudo faremos para os ajudar. Seguiremos, contudo, o caminho de sempre. Apelamos, em primeiro lugar, ao valor da família. As crianças devem ser encaminhadas para o meio dos seus familiares, onde os houver com alguma ligação afectiva verdadeira. É preciso recuperar o grande valor humano da família alargada. Os pais podem ter morrido, mas há os parentes mais próximos capazes de assumir a responsabilidade da criação e educação desses filhos. Assim aconteceu,

há dias. Fomos procurados para receber uma criança encontrada num acantonamento. O caminho mais fácil foi o da Casa do Gaiato. Mas não era o caminho certo para a criança. Um familiar apareceu, entretanto. Tinha os seus filhos e recebeu mais um. Senti-me feliz por ver aquele filho feliz no lugar mais certo. Aconteceram, por três vezes, casos semelhantes. Tenho para mim que a maneira mais acertada para resolver os problemas das crianças é colocarmos-nos no lugar delas. Fazer-mo-nos crianças, sendo adultos. Estes pequeninos seres estão muito agarrados à família natural. De modo que tudo o que se faça neste sentido é seguir o caminho da natureza. Somos testemunhas de actos heróicos de famílias que acolhem seus parentes, como se fossem filhos. Ficamos, deste modo, para os casos extremos que não têm nada nem ninguém. Para estes a Casa do Gaiato pode ser um paraíso.

Ficamos, de novo, sem comunicações telefónicas. A ponte sobre o rio Cavaco voltou a cair. Para qualquer assunto é ligar para um telemóvel emprestado com o número 091572805.

Padre Manuel António